

Entre críticas “jocossérias” e satíricas: debates políticos e as imagens nas capas de periódicos recifenses na década de 1860.

EMMANUELLE VALESKA GUIMARÃES DE LIMA*

Eram variados os periódicos que circulavam no Recife. Cada um com ideias diferentes a serem divulgadas, e posicionamentos políticos a serem defendidos. Na segunda metade do século XIX foram publicados muitos jornais na capital pernambucana, aumentando as fontes de leituras diárias dos cidadãos letrados. E mesmo das pessoas iletradas, pois, a leitura em voz alta dos impressos nas praças, mercados e tabernas e a visualização das imagens, deixavam fluir as notícias veiculadas – abrindo espaço para que estas pessoas pudessem interpretar à sua maneira as notícias e informações assim divulgadas. A esfera da opinião pública já estava em vigor com certa força no período e os impressos eram o meio de comunicação mais rápido para as informações atingirem um maior número de pessoas.

Na década de 1860, muitos periódicos circulavam no Recife, alguns com o teor panfletário e partidário, em meio a um novo panorama político que se desenhava no Império e, conseqüentemente, na Província de Pernambuco. Indo além da dicotomia entre liberais e conservadores, entraram em cena os “ligueiros”, membros da Liga Progressista, propondo uma alternativa para os dissidentes destes dois partidos. Para este “novo” partido convergiram vários políticos conservadores moderados, mas também os liberais históricos, que não viam no Partido Liberal espaço para a política de crítica ao centralismo do governo imperial, principalmente em relação ao Poder Moderador.

Como sintetiza Emilia Viotti, na década de 1860 vários conservadores saíram do partido, aderindo ao partido liberal. Um desses políticos foi Nabuco de Araújo, o qual mesmo tendo apoiado anteriormente a Conciliação, percebeu que “em vez de lutar contra a crescente corrente democrática, o homem de Estado devia tentar guiá-la para

* Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da UFRPE.

que não fosse fatal à nação.” (COSTA, 2010:164). Esses antigos conservadores que haviam se juntado ao Partido Liberal formaram o grupo que fundou a Liga Progressista em 1864.

E muitos não viam com bons olhos essa nova opção política. Componentes do Partido Liberal que não participaram do grupo político se opuseram ao governo. E um dos reflexos dessa opinião foram as matérias publicadas nos jornais pelos opositoristas.

O que se vê em alguns dos jornais ditos liberais da década em questão são ironias e oposições à Liga, sendo esta vista por alguns como a junção de conservadores com os “falsos” liberais que só estavam interessados nos cofres públicos. Os impressos seguem “conceituando” os partidos, ora de forma irônica, ou de forma mais branda, identificado a percepção sobre cada grupo político.

Tratando deste novo contexto entre políticos dos dois partidos que se organizaram na Liga, a imprensa jornalística mostrou-se um palco de explicações de acordo com os interesses dos periódicos e jornais que publicava. Vejamos a descrição do periódico A Opinião sobre a Liga:

Em todo país de governo representativo há duas grandes divisões na opinião. Uma quer a liberdade, quer o progresso da nação, o seu desprendimento das fórmulas decrépitas, e a adoção das que se prendem aos novos direitos e interesses sociais. A outra quer a conservação; ainda mais a reconquista de um estado social que a razão e os fatos tem condenado há muitos séculos.

No princípio da fundação dos governos essas duas divisões da opinião são exageradas. A luta das ideias é visível: é sangrenta até. As revoluções se sucedem com todas as suas consequências lógicas, com todos os seus corolários racionais. Tanto mais encarniçada a luta, tanto maior o abismo que separa os dois campos inimigos. Há uma suspeita continua permanente, de uma opinião a respeito da outra.

[...]

Do meio dos destroços dos dois partidos primitivos surge um novo partido, que representa o pensamento da nação: é o partido progressista; é o grande partido nacional.

Nesse partido se fundam todas as ideias moderadas, todas as aspirações generosas de um e outro lado primitivo.

É o que vemos atualmente no Brasil.

O ministério atual representa esse pensamento: inaugurou a fundação das ideias novas. (A Opinião, 18 de outubro de 1862, p.3 e 4)

Na descrição em defesa da Liga, o conservadorismo é visto como atrasado, retrógrado. Como diz a frase que serve de epígrafe para este capítulo, os redatores do periódico defendiam que “a primeira necessidade dos governos é governar com o progresso”. Segundo a classificação feita sobre os partidos, implica-se que o conservador não tinha mais espaço “lógico” na política da época. O “progresso” e a liberdade ficariam a cargo dos liberais. Entretanto, os dois partidos estariam desgastados pelos enfrentamentos armados e de ideias e até mesmo o liberal, segundo o documento, não teria forças para seguir sozinho.

O novo “partido”, Progressista, seria o representante do “pensamento da nação”, uma nova alternativa. E o mesmo periódico se posiciona a favor da Liga Progressista como uma forma de acabar com o controle do conservadorismo, publicando que “o partido liberal mostra-se disposto a aceitar a Liga, pois que se houve sinceridade em matéria, a província terá muito a ganhar”, enfatizando que esta era a melhor forma de governo para Pernambuco: “o partido liberal está pronto a concorrer para livrar a província de ferrenho jugo oligarca, que tanto a abala, e assim o que cumpre antes de tudo é que se dirijam convenientemente os negócios relativos a tal assunto” (A Opinião, 18 de outubro de 1862, p. 4). A redação de A Opinião mostrou-se disposta, a apoiar a Liga, já que julgava os dois partidos – principalmente o conservador – ultrapassados diante da conjuntura política da época.

No entanto, outros periódicos liberais, ou mesmo que se diziam livres de amarras partidárias, não comungavam do mesmo posicionamento d’A Opinião. Esses atacavam o governo de forma satírica e, muitas vezes, irônica, mostrando claramente o quanto não concordavam com a nova política da Liga, e indicando que esta ainda representava os oligarcas conservadores. Eram os liberais que insistiam em defender o partido, negando a junção de formação da Liga.

Com críticas mais ferrenhas, o periódico O Linguarudo se propunha a denunciar os políticos que tivessem conduta duvidosa no governo da província. E com sarcasmo foi explicado o que seria a Liga:

O que é a liga? É a maior bandalheira política que eu tenho conhecido no Brasil. Só teve um fim puramente individual – sob o desleal

pretexto de apoiar certas influências locais, fazer surgir e sustentar outras mais oligarcas, mais ilegítimas, todas sugadoras, e o bem da pátria... *figa!*

Ah! *liga* de uma *figa*, eu te amaldiçoó, prole bastarda do matrimônio de um pugilo de individuais sordidamente ambiciosas. (O Linguarudo, 25 de novembro de 1863. p. 1 e 2).

Continuou, então, descrevendo, além da *Liga*, os partidos Liberal e Conservador, com um posicionamento diferenciado do outro periódico:

O que é a política no Brasil?

Três são os partidos que a simbolizam: *liberal* – *conservador* – e o da *liga*.

O que é o partido *liberal*?

O partido *liberal*?.. Ah!.. Não minto: esse partido morreu! O que existe é um vulto mentiroso que vagueia na nossa terra, e que se diz *liberal*. Perguntai-lhe seus feitos a prol do futuro da pátria: ele titubeando nada vos responderá.

[...]

Partido *conservador*, levastes a dor e a consternação ao seio de um partido venerando, que só teve lágrimas por defesa, e hoje vos sentis feridos; são as vossas mesmas armas; são os instrumentos de poderio que confiastes aos vossos amigos; são eles que vos assassinaram...eles – *conservadores* – de outrora!

Vide *liga*, partido de usurpação, nova oligarquia coberta com vosso multicolor-dourado manto de *progresso*: vide, arrancai essa máscara que todos fugirão de vós. (O Linguarudo, 25 de novembro de 1863, p. 2)

De forma ácida, O Linguarudo atacou sem receios os políticos recifenses. Mostrou-se desacreditado das perspectivas de “progresso” de cada partido, inclusive da *liga*. O periódico menciona dois líderes da *Liga*: o chamado “Chiqui Pá” – Francisco Xavier Paes Barreto – , vindo dos conservadores, e o “Moisés” – Nascimento Feitosa – antes do lado dos liberais.

Na primeira página, o linguarudo, com a língua para fora da boca (Imagem 1 a seguir) se apresentava como um denunciador contra os políticos corruptos: “Sou linguarudo/ Mas com razão/ Falo de tudo/ Sem exceção. Sinto-me forte/ Como um Catão/ Contra os Apóstolos/ Da Corrupção”. A pretensão do periódico era mostrar um texto com ideias desvinculadas dos partidos, exatamente para ter a redação à vontade para criticar os políticos ditos como corruptos.



Imagem 1
Arquivo: APEJE.

E prossegue com sua crítica sobre a relação dos dissidentes dos dois principais partidos na formação da Liga Progressista:

Dois princípios heterogêneos e disparatados podem dar em resultado um princípio harmônico e consentâneo? Estória! Isto de política, ou de princípios políticos, são substâncias químicas que, de mistura, podem produzir uma influencia partícipe de ambas as substâncias diversas, como uma ação, entretanto toda uma.

Nada de beberagens políticas! Se a pátria está indigesta de tanta doutrina nociva, que arrastão conseqüências perniciosas, não há de ser com esse *pronto-alívio*, improvisado e embora novo degenerado, que fique já sanada. (O Linguarudo, 05 de dezembro de 1863, p. 1)

O redator coloca a questão sobre diferença entre os partidos que compõem a Liga, ironicamente duvidando que esta união pudesse dar certo. Seria difícil ser bem sucedida a formação de um partido integrado, segundo o periódico, se o partido liberal e o conservador eram “heterogêneos e disparatados”, incompatíveis. E a nação, de tanto ser palco de divergências entre os partidos e suas promessas de “progresso”, não seria salva pela liga, que já nasceu fracassada. Era, pois, perceptível nas páginas d’O Linguarudo um sentimento de descrédito geral na política que vigorava no início do decênio de 1860.

Fazendo parte da mesma tipografia, pertencente a João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão, Dona Liga era descrita como um periódico “liberal e jocoserio”. Diferindo de O Linguarudo, este periódico era de redação assumidamente liberal e o título já deixava claro o foco das publicações. Em sua primeira página, a “senhora” Dona Liga aparece com uma forquilha na mão direita. (Imagem 2) Atentemos para a simbologia da imagem. A forquilha representa a bipolaridade política existente em Pernambuco (liberais e conservadores), mas igualmente apontava para a união: as duas pontas convergem para um mesmo ponto, significando que os dois partidos, antes bifurcados, se uniam na mão da Dona Liga.

Com um “ligueiro”, o Sr. Silveira de Souza, ocupando a presidência da província, o periódico tinha como prioridade a crítica irônica à Liga Progressista pernambucana. No primeiro número do jornal foi publicado o “nascimento” do novo partido. Vejamos como metaforicamente foi descrita a possível reação à Liga recém-criada: “[...] todavia muita gente, a quem fui apresentada, não quis pegar, porque o volume, cor e cheiro... causaram-lhe sérios receios de que fosse coisa má, e de fato os que menos escrupulosos me pegaram, ficaram emporcalhados” (Dona Liga, 30 de setembro de 1863, p. 1). Seu “nascimento”, segundo o periódico, foi algo que já antecipava a sujeira e a corrupção que permearia o governo da província de Pernambuco.



Imagem 2
Arquivo: APEJE.

De cunho liberal, o periódico associou a Liga à corrupção do chamado “Moysés”, o Sr. Feitosa, originalmente do partido liberal. Ele foi acusado de traição ao partido ao passo que se tornou um “ligueiro”, servindo aos oligarcas conservadores corruptos.

Em ano de campanha eleitoral para o senado, 1863, na qual foram feitos senadores os dois políticos tão criticados, o Dona Liga se via com a função de agitar a opinião pública a fim de mostrar um ponto de vista oposicionista, principalmente por se tratar de um cargo vitalício no governo. Por causa do comportamento combativo, o periódico foi alvo de algumas críticas em outros impressos. Uma delas aparece no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, que era o porta-voz oficial da Liga Progressista, a qual foi respondida da seguinte forma:

O correspondente do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, cuja pena não nos é desconhecida aqui nesta cidade, trata de contar sempre as novidades da terra a seu paladar e alterando completamente a verdade, põe na boca dos liberais princípios subversivos da ordem pública e nos acoima de querermos a repetição do que se deu em 1848. Para esse correspondente nós somos homens despeitados, encarniçados nos velhos ódios e a *Dona Liga*, que no seu entender foi criada para desvairar a opinião pública, é uma folha chula, pouco respeitadora e que fala a mesma linguagem dos vermelhos. *Dona Liga*, 4 de novembro de 1863, p. 1)

O termo “vermelhos” era uma referência aos conservadores “saquaremas”, da velha guarda. O redator do *Correio Mercantil*, havia publicado críticas negativas sobre o periódico *Dona Liga*, acusando-o de estimular a desordem ao ponto de criar um movimento político como o da Praieira. Isso mostra o quanto a imprensa era um palco

importante para as discussões sobre os partidos políticos da época. A pluralidade de opiniões formavam esta amálgama que é a opinião pública.

O periódico *Dona Liga* tinha como objetivo criticar a Liga Progressista. Em fins de novembro de 1863, ele denunciou a situação de calamidade pela qual passava a província pernambucana: “fome, peste, desordens, perseguições, mentira na liberdade de voto, violação das consciências, prevaricações, imoralidades de toda laia, a corrupção finalmente no seu auge” e atribuiu “tais benefícios” à atuação da Liga (*Dona Liga*, 25 de novembro de 1863, p. 1). Grande era o desprezo pelo novo modelo de partido. Os piores acontecimentos na província, eram imputados à Liga Progressista.

E com esse mesmo teor ácido circulou no Recife *O Barrigudo*, periódico satírico, que também seguiu o caminho liberal de oposição à Liga. Sua primeira página (Imagem 03) era ilustrada com o “figurão” da política. O corrupto tinha a barriga protuberante, com a palavra “Progresso” envolto em sacos de dinheiro, cada um representando a sua fonte: “Deputação”, “Senatoria” e “Alfândega gorda”. Aos dois lados da figura, tem um texto explicando cada cargo que o figurão ocupou no poder graças ao “deus da barriga”.

O periódico procurou representar a indignação dos “liberais genuínos” contra os “liberais progressistas”, representados pelo “Moisés”, sendo ele retratado como o próprio barrigudo da imagem. Em uma de suas edições, foi publicado um pronunciamento atribuído ao referido político no qual se dizia: “[...] os homens de 1848 nada tem com essa situação, que pertencem aos liberais que andaram, e não aos que ficaram parados” (*O Barrigudo*, 18 de dezembro de 1863, p. 2). O Sr. Feitosa, com essa frase, transparece a ideia de que o progresso se relacionava à “evolução” política. Vale ressaltar que, ao excluir os liberais de 1848 da composição da liga, se confirma a relação “liberais moderados – conservadores moderados” na formação do novo partido, pelo menos no que se refere à Província de Pernambuco.



Sou barrigudo,
Sou patibulo,
E' meu progresso
Fogar dinheiro.

Neste proposito,
Que aqui registro,
De deputado
Fui a ministro.

Por ser a quadra
De transição,
Fui a meu geito
A dissolução.

Em Pernambuco
Crei a liga,
Por ser devoto
Da deos Barriga.

Mas aspirando
Com a melhor,
E' meu intuito
Ser senador.

Minha piçuela
Mandi armar,
Nella fazenda
Moyses passar.

O qual, deixando
Sou chelonça,
Vou servir-me
Como ordenança.

E me promette
Que serei tudo,
Levando o povo
Grosso canudo.

Imagem 3
Arquivo: APEJE.

Segundo o político Nascimento Feitosa, os liberais precisavam se reorganizar politicamente e não permanecerem estagnados ao acontecimento da Praieira, procurando, pois, a melhor forma de continuarem ativos no poder, sendo este o motivo da sua inserção na Liga Progressista. Eram, então, pensamentos diferentes em um mesmo partido liberal. E esses liberais “históricos” estavam formando a oposição defendendo o Partido Liberal. Os periódicos proporcionavam a expressão de forma mais ampla, podendo, os grupos, defender suas opiniões para um público variado.

E o “Moisés” aparece também como foco de sátira no periódico O Clarim da Fama. Entre as formas de criticar o político da liga foi utilizada a acusação contra a moral do mesmo, associando questões pessoais à sua figura política. Um exemplo disso é esta publicação que diz: “E será verdade que o Sr. Feitosa, com um conto de réis de renda por mês, consente que sua sogra viva de mendigar com sua filha moça, que é sua cunhada, e que residam em um dos quartos da ribeira de Olinda? Sendo assim, porque tanto arrota de moralidade?” (O Clarim da Fama, 01 de dezembro de 1863 p. 2.) Partindo da concepção de moral familiar vigente, a ideia do jornal era publicar informações que criassem na opinião pública um sentimento de desaprovação ao Sr. Feitosa.



Imagem 4
Arquivo: APEJE.

O Clarim da Fama tinha redatores dispostos a denunciarem qualquer tipo de imoralidade e corrupção dos políticos os quais não fossem “puramente liberais”. É visto isso no texto de apresentação do periódico:

Órgão das ideias liberais puras, este periódico, ainda que pequenino, tem por missão desmascarar e zurzir energicamente a essa caterva de réprobos perdidos na opinião, traidores à pátria e ao povo, esses hipócritas e fementidos, que dizendo-se uns liberais e progressistas, e outros conservadores moderados ou ligueiros, renegam suas crenças e fazem da consciência tabuleta de modista, cometendo as maiores baixezas, as maiores infâmias, contanto que, semelhantes aos cães famélicos, possam agarrar um osso, que da mesa do governo lhes seja atirado, pelos lacaios de libré agaloada, para o roerem com avidez, entretanto a gana que os devora... miseráveis que são!

Eis o porquê, e para que aparece na arena jornalística – o Clarim da Fama. – Está dito. (O Clarim da Fama, 01 de dezembro de 1863, p. 1).

Os liberais e conservadores moderados, progressistas, ligueiros, são comparados a cachorros famintos à espera de um “osso” do governo. São vistos como aproveitadores dos cofres públicos, corja de traidores da pátria e do povo, sem escrúpulos ao disputar um espaço no governo. Inclusive “renegando sua crença”.

Apesar do Partido Liberal não ter sido uma ideologia doutrinária¹, o redator deixa transparecer a preocupação com a quebra de compromisso dos membros em relação ao partido. Os dissidentes perderam a “pureza”, tornam-se corruptos. E O Clarim da Fama se propõe a denunciar esses políticos.

Combinando com a proposta do periódico, a imagem da capa retrata um anjo com um clarim, com o qual, segundo o texto dos lados da imagem, estava sendo anunciado o fim da liga progressista (Imagem 4). Os dois impressos, tanto O Clarim da Fama quanto O Barrigudo, eram da Tipografia Popular e continham o mesmo teor jornalístico. A questão da “má conduta” na vida pessoal das autoridades sendo articulada à posição social dos mesmos era, pois, uma das estratégias utilizada pelos redatores, com o fim de macular a imagem pública dos “figurões” da política.

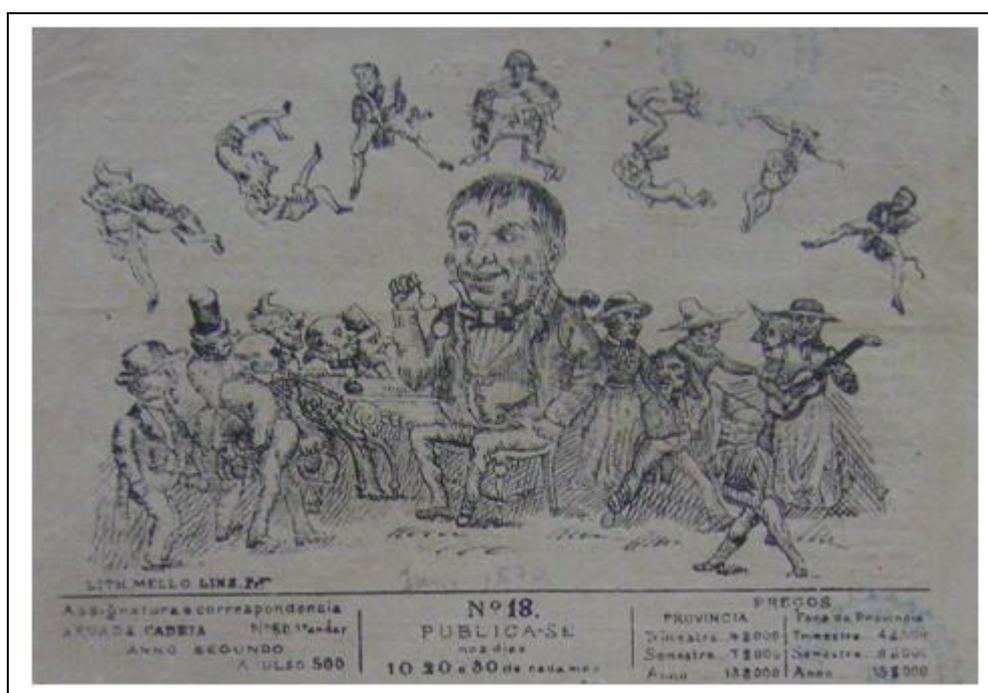


Imagem 5
Arquivo: APEJE.

Com um formato diferenciado, circulando nos anos 1869 e 1870, o periódico A Careta, associou humor à crítica. Utilizando a ironia como forma de expressão, ele tratou de vários problemas de ordem pública e política em Pernambuco. O fato de ter

¹ Ver discussão sobre ideologia doutrinária em RÉMOND, 2003. p. 87. APEJE.

imagens em seus exemplares possivelmente ampliou o alcance das suas informações entre os leitores. Não somente os letrados poderiam acompanhar as sátiras sobre as autoridades da província; os analfabetos poderiam folhear suas páginas e, a partir da leitura das imagens no periódico, tomar conhecimento das notícias sobre os “figurões do governo”. Entre discussões nas tabernas, nas praças e outros logradouros da cidade, entre leituras em voz alta e troca de informações, o conhecimento sobre política e a inserção no campo da opinião pública certamente foi sendo feito por grande parte da população recifense, sendo ela alfabetizada ou não.

O próprio nome do periódico foi montado de forma interessante, em que figuras de pessoas entravam na composição do título “A CARETA”. Uma metáfora, talvez, de que a população formava a opinião pública. (Imagem 5) Uma de suas publicações que merecem destaque nesse periódico, a qual provavelmente causou um forte efeito de verdade, teve como proposta fazer o contraponto entre o que é divulgado e o que não é dito ao público:

O QUE SE DIZ E O QUE SE NÃO DIZ

- O que se diz é que o povo morre à fome, e falta de recursos sem ter em que se empregue. O que se não diz é que o governo tome isso em consideração e providencie.

- O que se diz é que a companhia dos trilhos urbanos tem tido um lucro fabuloso com a emissão de seus bilhetes. O que se não diz é que a polícia procure por termo à semelhante abuso, dando lugar a que qualquer espelunca faça o mesmo.

- O que se diz é que o governo está em negociações com John Donelly para comprar a ilha de Santo Aleixo por 500:000\$000 e aí fundar um lasareto. O que se não diz é que este negócio seja ilícito, uma vez que ela não vale 10:000\$000.

- O que se diz é que o aquartelamento da guarda nacional é bom negócio para a oficialidade. O que se não diz é que os pobres guardas lucrem com esta indústria.

- O que se diz é que os carneiros e farinhaes da ribeira, além do preço exagerado por que vendem estes gêneros, roubam escandalosamente no peso e medida. O que se não diz é que nem o fiscal, nem a polícia procurem evitar este roubo. (A Careta, 20 de janeiro de 1870, p. 1)

A Careta denuncia a negligência das autoridades em relação ao desemprego e a fome da população mais humilde, o abuso no valor e no monopólio lucrativo da venda

de bilhetes do transporte ferroviário. O superfaturamento nas obras públicas e a incompetência da polícia e da fiscalização municipal em relação aos roubos nos pesos e medidas protagonizados por comerciantes da Ribeira. Esta publicação faz refletir sobre a política pública, suas ações e “não-ações” quanto o dever de proteção e respeito ao cidadão. As falhas de administração, a corrupção e a manipulação de ideias são as constantes que estão além da dicotomia “liberal” e “conservador”.

Com um posicionamento oposto em relação aos outros até então analisados, o periódico *Alabama*, também em circulação no ano de 1863, publicou saudações aos progressistas:

REGOZIJOS POPULAR

No dia 26 a noite grande parte do partido progressista, tendo a sua frente o seu prestimoso membro Dr. João Francisco Teixeira, saindo do pátio do Terço com uma banda de música marcial, percorreram as freguesias de São José, Recife, Boa Vista e Santo Antônio: entre entusiástico vivas a S. M. o Imperador, ao ministério de 30 de maio, ao preclaro estadista Marquez de Olinda, ao presidente da província, Ottoni, Saldanha Marinho, Feitosa, João Teixeira, e outros, subiam ao ar girândolas de foguetes.

Os acadêmicos em número de duzentos e tantos, entusiasmados pela notícia davam vivas ao partido liberal, a memória do mártir Nunes Machados, e da esperançosa mocidade, que pretende subir, pela escada da ilustração, ao poder, não por que o poder em si tenha valia, mas porque serve ele de meio para garantir as liberdades públicas.

Posto que o entusiasmo desenvolvido fosse extraordinário, com tudo reinou a melhor ordem possível, e o partido progressista mostrou que sabe compreender os seus direitos.

Honra ao partido progressista, e louvores ao Dr. João Teixeira, pela iniciativa que tomou no regozijo popular. (*Alabama*, 30 de maio de 1863, p. 2.)

A narrativa mostrou admiração em relação aos progressistas e os membros desse novo partido. E ainda o entusiasmo da população de forma geral, dando-se destaque à participação dos acadêmicos liberais. O acréscimo dos letrados nos “vivas”, possivelmente gerou mais credibilidade ao evento. Eles são a caracterização dos jovens que tem chances de serem bem sucedidos politicamente, “não que o poder em si tenha valia”, faz a ressalva o redator, “mas porque serve ele de meio para garantir as

liberdades públicas.” Finaliza agradecendo o excelente governo dos progressistas, que gerou vibrações populares.

Alabama mostra também que os periódicos inflamados poderiam até estar em circulação, mas não teriam o espaço na opinião pública que desejavam:

Olá da grei oligarca
Tomem cuidado com a gente
Escrevam seu papeluxo
Gritem nele fortemente.

Mas não espalhem no povo
Receios e vãos temores:
Já passou aquela era
Dos “rachados” escritores.

Não revivam “Tempestades”,
“Uniões”, Brados e tais,
Que se escreviam outr’ora
Contra antigos liberais.

Hoje a missão é diversa.
Mudou-se a senda ao escritor
Quer-se ideias e princípios,
Sustentados com ardor.

Dizei as vossas sandices
Mastigai vosso “calão”
Mas em tudo sede honesto,
Respeitai a opinião.

Se isto é sôfrego desejo
De embarcardes no Alabama,
Nem para isto servis,
Que aqui não se embarca lama.

Vós sois a escoria mais negra
Da nossa sociedade,
A vossa grei é o centro
Do despejo da cidade.

(Alabama, 30 de maio de 1863. p. 2.)

Os liberais exaltados foram renegados ao “despejo” e seus periódicos não serviam para as novas perspectivas políticas, com base no partido progressista. Essa era a visão do periódico Alabama, simbolizado por um barco na ilustração da capa, onde os

exaltados não poderiam embarcar. Essa posição é importante no que se refere às opções de opiniões vigentes nesse período. A opinião pública, em sua pluralidade, abarca argumentações distintas; nesse caso, contra ou a favor da política progressista, e também os quem se colocaram como “neutro”, sendo um posicionamento político a ser incluso nesse campo.

Fontes

Periódicos – Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano - APEJE

- Alabama. Recife: Tipografia: Liberal. 1863
- A Crise: periódico caricato, crítico, faceto e literário. Recife: Tipografia Commercial. 1865.
- A Opinião. Recife: Tipografia da Opinião. 1862.
- Dona Liga: periódico liberal e jocoserio. Recife: Tipografia de João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão. 1863.
- O Barrigudo: periódico satírico. Recife: Tipografia Popular. 1863.
- O Clarim da Fama: periódico satírico. Recife: Tipografia Popular 1863.
- A Careta. Pernambuco: Tipografia do Correio do Recife. 1870.
- O Linguarudo: periódico crítico e jocoso. Recife: Tipografia Republicana Federativa Universal. 1863.

Bibliografia

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CARVALHO, Marieta Pinheiro de. **Uma ideia ilustrada de cidade**: as transformações urbanas no Rio de Janeiro de D. João VI (1808-1821). Rio de Janeiro: Odisséia, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

COSTA Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. 9. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- MATHEUS, Carlos. **As opiniões se movem nas sombras**. São Paulo: Atlas, 2011.
- MOREL, Marco. **As Transformações dos Espaços Públicos**: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.
- MOUILLAUD, Maurice. **O Jornal**: da forma ao sentido. Sérgio Dayrell Porto (org.), Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- NASCIMENTO, Luiz do. História da Imprensa de Pernambuco. (1821-1954). Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1966. Vol. II – Diários do Recife 1829/1900.
- RÉMOND, René (Org). **Por uma história Política**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.